

Origens

2016 | ano 03 | nº 04

Revista-laboratório do curso de Jornalismo
das Faculdades Integradas Rio Branco

Richard Rasmussen:
profissão "aventura"

Trabalhos circenses:
vida sob a lona

Já pensou em ser
um personagem?
Sereia, mascote
de time de futebol,
princesa?

PROFISSÕES INUSITADAS

Os encantos e os desafios de
trabalhos considerados incomuns
para a maioria das pessoas



VOCÊ ENTRA COM
A **VONTADE**
DE APRENDER
A RIO BRANCO
COM O
COMPROMISSO
DE FORMAR



Daniella Rossetto, aluna de Produção Editorial. Fotógrafo, Guilherme Fernandez, ex-aluno da Rio Branco.

TURMAS DE AGOSTO - PRESENCIAL E EAD - INSCREVA-SE!



Faculdades Integradas
RioBranco
FUNDAÇÃO DE ROTARIANOS DE SÃO PAULO

CAMPI LAPA e GRANJA VIANNA
www.riobrancofac.edu.br
0800 165521



Presidente da Fundação
de Rotarianos de São Paulo
Nahid Chicani

Chanceler
Eduardo de Barros Pimentel

Diretor Geral
Profº Dr. Edman Altheman

Diretor Acadêmico
Profº Dr. Alexandre Uehara

Coordenadora do Curso de Jornalismo
Profª Dra. Patrícia Rangel

Coordenador dos Cursos de Comunicação
Social, Editoração e Design
Profº Me. Paulo Durão

Reportagem, edição e revisão
Professoras Responsáveis
Profª Dra. Patrícia Ceolin do Nascimento
Profª. Ma. Renata Carraro

Projeto Gráfico
Carolina Izabel da Silva

Estagiária de Design:
Caroline Padilha

Foto da capa:
Banco de Imagem Thinkstock

Revista **Origens** é uma publicação elaborada
pelos alunos do curso de Comunicação
Social, habilitação em Jornalismo, das
Faculdades Integradas Rio Branco.

Endereço: Avenida José Maria de Faria, 111
Lapa, São Paulo - SP, Cep: 05038-190
Tel. (11) 3879-3100

Editorial

Profissão? !@&*#(!

O que você vai ser quando crescer? Mascote, coveiro, booktuber, trapezista, coordenador de link building? O que é uma profissão “comum”? E o que é inusitado no diversificado mundo do trabalho atual?

Nesta edição da revista Origens, os alunos da segunda e da quarta etapas do curso de Jornalismo das Faculdades Integradas Rio Branco exploraram esse viés muitas vezes desconhecido de atividades profissionais que não costumam figurar em listas de testes vocacionais. Seja pelo perfil inovador de alguns postos de trabalho diante das demandas das novas tecnologias, seja pelo desafio cultural diante de ofícios frequentemente vistos por ângulos preconceituosos e conservadores por parte da sociedade, ou mesmo por completo desconhecimento, muitas dessas atividades profissionais são consideradas no campo do bizarro, da curiosidade e da estranheza.

Abrindo a edição, os alunos Ana Beatriz Felício, Lucas Frizzo e Rafaella Bonadio apresentam retratos do mundo circense na visão de artistas que dedicam à vida a essa arte. Amanda Peterson, Marjorie Slivinski, Thaynara Moretti e Mariana Franco mostram as novas profissões que surgem com os avanços tecnológicos. Carolina Cristina, Nathália Vieira e Paulo Henrique questionam paradigmas em torno do que seriam profissões “de mulher” e profissões “de homem” na sociedade atual.

Na sequência, a matéria das alunas Bianca Bispo e Julia Pinto acompanha as diferentes atuações de cães que “trabalham” duro. Káthia Laurindo e Pedro Paulino retratam a rotina profissional de artistas da comunidade Paraisópolis, na zona sul de São Paulo. Na reportagem “Profissão personagens”, os alunos Marcelo Surcin, Maria Fernanda Magri, Mariana Penteado, Julia Pinto e Bianca Bispo apresentam as curiosidades de pessoas que fizeram dos personagens sua profissão, de sereia a mascotes de times de futebol. Na seção “entrevista”, o biólogo e apresentador Richard Rasmussen conta como é fazer da aventura e do gosto pelos animais sua rotina de trabalho.

Giovana Félix e Paloma Dantas trazem curiosidades sobre o trabalho de modelo de mão e de profissionais “da voz”. As alunas Ester Muniz e Jenniffer Silva mostram os desafios de profissionais que lidam com a morte. Isabella Liporoni e Priscila Oliveira apresentam o trabalho de uma missionária que atua na região da Cracolândia, região central da cidade. E, fechando a edição, Mireia Lima e Suelen Spadafora retratam o trabalho dos “amigos de aluguel”.

Boa leitura.

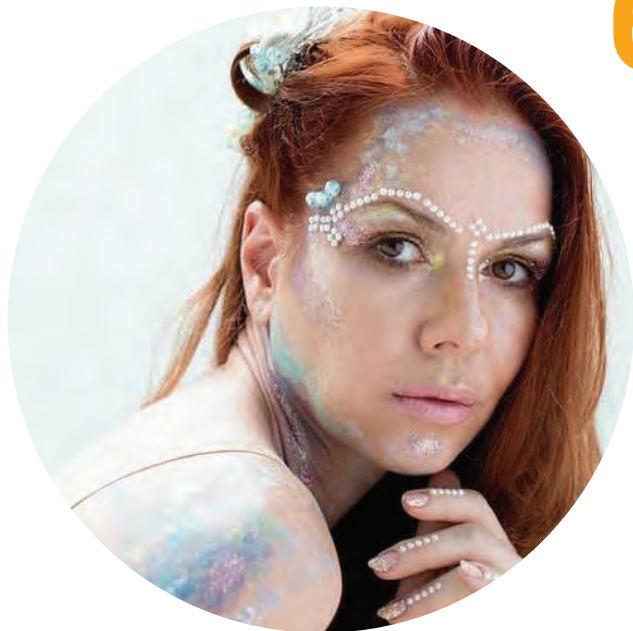
Patrícia Ceolin

Sumário

6

CIRCO

Profissionais circenses mantêm viva uma arte milenar



9

PROFISSÕES NOVAS

Novas profissões alteram o mercado de trabalho

12

PROFISSÕES MASCULINAS E FEMININAS

Histórias de homens e mulheres que exercem funções tradicionalmente realizadas pelo sexo oposto.

14

CÃES "PROFISSIONAIS"

Eles salvam vidas, vendem produtos e atuam em cinema e televisão. Remuneração diária pode chegar a R\$ 3.000,00

18

ARTISTAS DE PERIFERIA

Moradores da comunidade de Paraisópolis relatam os desafios de ser "artista de periferia"

20

MATÉRIA ESPECIAL: PROFISSÃO PERSONAGENS

Vivenciar personagens profissionalmente coloca em cena prazer e desafios

25

ENTREVISTA COM RICHARD RASMUSSEN

O apresentador e biólogo que fez da aventura uma profissão.



28

PROFISSIONAIS "PARTES DO CORPO"

Na procura por profissões novas, mercado de trabalho traz opções criativas e curiosas



30

PROFISSIONAIS MORTE

O desafio de lidar profissionalmente com a morte.

32

PERFIL MISSIONÁRIA

Missionária presta auxílio a dependentes na região central de São Paulo

34

AMIGOS DE ALUGUEL

Em viagens ou como companhia de idosos, os "friends" são cada vez mais requisitados

36

BASTIDORES

As histórias por trás da revista

37

CRÔNICA

O valor que se dá pelo amor que se tem



UMA VIDA SOB A LONA

Profissionais circenses mantêm viva uma arte milenar

O circo, que chegou ao Brasil no século XIX com a vinda das famílias europeias, adaptou-se, conquistou espaço e tornou-se parte do patrimônio cultural brasileiro, marcando gerações e atraindo multidões com figuras como engolidores de fogo, equilibristas da corda bamba, trapezistas e domadores de animais.

Por trás das roupas coloridas, das maquiagens e dos números que divertem ou assustam a plateia, há homens e mulheres que abriam mão de rotinas mais tradicionais para viver somente da arte circense.

Douglas Bardeline, 37 anos, é ator, palhaço, bailarino, trapezista e dá aulas de circo. Quando tinha 29 anos, abriu mão de tudo para viver desse sonho. “Eu era professor de teatro numa escola e trouxe meus alunos ao circo. Chegando aqui eu me descobri. Olhei e falei: É isso que eu quero”. Bardeline decidiu dedicar todo seu esforço para

aprender trapézio, e buscando uma imersão intensa no mundo circense, resolveu comprar um trailer para não só trabalhar na escola de circo mas também morar dentro dele. “Quando você vive dentro do circo, embaixo de uma lona, você sabe o peso que tem uma chuva muito forte, conhece o vento, é obrigado a prestar atenção na questão climática porque sabe que, a qualquer momento, pode perder o teto”, explica ele.

Caminho das pedras

Atualmente, os circos enfrentam diversos desafios. Quando chegam às cidades muitas vezes não conseguem, sem recorrer ao Judiciário, as devidas autorizações e alvarás para instalar-se e apresentar o espetáculo. “Uma empresa fixa comprova seu local e pronto. Já o circo precisa ficar comprovando continuamente sua legitimidade e atividades toda vez que muda de praça. Então é um novo bombeiro, um novo órgão de segurança que

Crédito: Ana Beatriz e Raphaella Bonadio.



Malabaristas do Circo dos Sonhos, em São Paulo.

precisa autorizar, é uma nova prefeitura com que você tem que negociar, são novas taxas que você tem que pagar”, declara Bardeline.

O projeto de Lei nº 397, datado de 2003, de autoria do senador Álvaro Dias, dispõe sobre o registro dos circos perante o Ministério da Cultura,

Maquiagens e adereços no dia a dia de trabalho.



Crédito: Ana Beatriz e Raphaela Bonadio.

ARTE MILENAR

O circo é uma arte milenar. Cerca de 4000 anos atrás, civilizações como Egito, Grécia e China já realizavam espetáculos. No Egito e na Grécia, o espetáculo era como uma procissão, celebrando a volta de uma guerra com os prisioneiros vencidos e os animais exóticos encontrados. Já na China, o foco eram as acrobacias realizadas pelos “circenses”.

além de estabelecer medidas para proteção dos profissionais, mas está atualmente parado na Câmara dos Deputados.

Outro diferencial da vida dos profissionais do circo é não ter moradia fixa. Os artistas podem passar meses longe da família. André Ventura, 26, é acrobata no Circo dos Sonhos e conta: “Às vezes a gente tá em São Paulo, às vezes, muito longe. E aí, acabamos ficando fora de casa a temporada toda. O circo fica um mês, então ficamos um mês fora de casa e depois na mudança, quando temos alguns dias de folga, podemos visitar a família”.

Há também os artistas de famílias tradicionais circenses. Essas pessoas já nasceram embaixo de uma lona, e estão desde crianças habituadas a viajar. A Lei nº 653, de 24 de maio de 1978, dispõe sobre os direitos e os deveres de quem exerce profissão artística e sobre os parâmetros técnicos acerca dos espetáculos de diversão. Um destaque importante nessa legislação é o artigo 29, que assegura que os filhos de profissionais itinerantes têm direito de transferência de matrícula e vaga

nas escolas públicas. Brenda Krateyl, 21, faz malabarismo com os pés, e é da oitava geração de circo de sua família. Conta ainda que nunca pensou em seguir outra profissão e não reclama das mudanças de escolas. “Em cada cidade que a gente passava, eu estudava numa escola, então foi bem legal”.

Novos caminhos

Antes tão famosos nos espetáculos, os animais no circo foram proibidos em vários estados brasileiros. Com isso, as apresentações passaram por reformulação, com números mais perigosos, lúdicos ou até mesmo utilizando personagens infantis para atrair a atenção das crianças. Fica evidente que há a necessidade de ensinar às pessoas a importância do circo como patrimônio cultural. “Nosso país não criou e está longe de criar uma cultura de espectadores que valorizam a arte de uma forma geral, não só do circo. Nós não temos essa

O treino constante faz parte da rotina profissional.



Crédito: Ana Beatriz e Raphaela Bonadio.

cultura e não fomos criados, ou até mesmo colonizados com esse hábito de assistir e valorizar a arte, que sempre ficou em segundo plano”, diz Bardeline.

Atualmente é de acordo com a Lei n. 6.533/78

que o artista pode obter um atestado de capacitação profissional além de ser reconhecido pelo Ministério do Trabalho. Para conseguir um Registro Profissional, o artista circense pode recorrer ao SATÉD (Sindicato de Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversões) e apresentar seu currículo com comprovações de espetáculos, apresentações de números, performances, cursos etc. Outro requisito é um mínimo de três anos de formação/experiência, além de passar por uma avaliação que analisa a escolaridade.

Apesar de todas as dificuldades, os profissionais concordam que não trocariam a vida do circo por nada. Manuel Moura, 69, sempre viveu de circo, era domador de animais e conheceu o Brasil inteiro. Atualmente, já aposentado, mora em um pequeno trailer localizado nos fundos de um circo, em Osasco. “Não tenho nenhum arrependimento profissional”, declara Moura com um sorriso nos lábios. “O circo me ofereceu experiências que não poderia ter em outro lugar”.

Para as pessoas que queiram se aventurar na profissão, o malabarista e equilibrista, Thiago Oliveira, 29, explica que não há um limite máximo de idade, porém “Quanto mais cedo você começar, melhor. Seu corpo se adapta com mais facilidade aos alongamentos e números de exercícios que precisem de força”. Ventura completa dizendo: “A gente não escolhe o circo, é o circo que escolhe a gente”.

Hoje tem palhaçada? TEM SIM SENHOR!

Os primeiros palhaços surgiram no Egito antigo e eram parecidos com os bobos da corte da Europa na Idade Média, só que com uma diferença: eles também eram figuras religiosas, assim como os padres.

Nessa época, os tais palhaços usavam roupas feitas com o mesmo tecido que revestia os colchões, a palha. Então a palavra “palhaço” vem, literalmente, de “palha”.

O palhaço clássico, que pinta o rosto de branco e exagera as suas expressões apareceu no teatro grego há mais de 2.000 anos e pintava o rosto dessa forma para ser visto pelo público, pois naquela época não havia luz elétrica.

Já o palhaço brasileiro, diferente do europeu, falava muito, era mais conquistador, malandro, seresteiro, tocador de violão e possuía um humor picante.

Há cerca de 100, atrás o preconceito já existia até mesmo debaixo das lonas, uma vez que não se admitiam palhaços negros. No Brasil, o primeiro palhaço negro que se têm notícias é Benjamin, já no início do século XX.

O dia 27 de março, foi escolhido para comemorar o Dia Nacional do Circo, homenageando o famoso palhaço Piolin, que nasceu 27 de março de 1897. O interessante é que o dia do Palhaço é só dia 10 de dezembro!



Entre QUEDAS E ASCENDÊNCIAS das profissões

Novas profissões alteram o mercado de trabalho

Você sabe o que faz um coordenador de link building? Já pensou em tornar-se um vlogger profissional? O mercado de trabalho está em constante movimento; assim como diversos trabalhos foram deixados para trás, novas profissões vieram à tona, as quais exigem um maior conhecimento em áreas muitas vezes desconhecidas por boa parte da população, mas que, em breve, poderão ser consideradas antigas pelas próximas gerações.

O coordenador de link building Fernando Poffo, por exemplo, informa que link building é um trabalho estratégico que consiste em desenvolver conteúdo relevante em um site ou em uma página específica, de modo que esse conteúdo passe a ser indicado com links em outras páginas da internet.

“Precisamos observar no campo semântico dos clientes quais conteúdos podemos criar para atrair não apenas o consumidor, mas também os formadores de opinião relativos àquele campo semântico ou tema”, explica Poffo sobre suas funções como coordenador de link building na maior agência de SEO do país, a Conversion (SEO: sigla de Search Engine Optimization, que consiste em um conjunto estratégico de técnicas para otimizar os sites nos mecanismos de buscas).

Tecnologia: rival ou parceira?

Cerca de 75% das funções de trabalho atuais dependem da tecnologia relacionada ao desenvolvimento de computadores e da internet. Por outro lado, muitos postos de trabalho estão cada vez mais ameaçados pela evolução

tecnológica. É o caso dos frentistas, na Europa e nos Estados Unidos, onde os próprios motoristas abastecem seus veículos, não precisando da presença desse profissional.

Segundo o site da BBC, o professor Carl Frey, da Universidade de Oxford, na Inglaterra, organizou, em 2013, um estudo que classificou as chances de 702 profissões serem automatizadas - aquelas que podem ser substituídas por máquinas - nos Estados Unidos, na próxima década. Desse total, 47% podem ser substituídas por computadores e, no topo desta lista, estão os operadores de telemarketing.



Coordenador de link building Fernando Poffo.



Leonardo Bacci, youtuber.

A revolução dos robôs está por começar

A consultoria Boston Consulting Group (BCG) prevê que

já na próxima década, o investimento em robôs industriais vai acelerar e muito. Como consequência, em

2025, o custo em trabalho de fabricação será reduzido em 16% e substituído por máquinas.

Países como Coréia do Sul, Japão, Alemanha, China e Estados Unidos já estão traba-

lhando para isso. No caso do Brasil, essa im-

plementação da robótica pode ser um pouco mais lenta devido ao país ainda estar em desenvolvi-

mento.

Nos EUA, para fabricar um automóvel com um robô custa em torno de U\$8 por hora e para o trabalhador paga-se U\$25. Para a maioria dos fabricantes, a dificuldade em substituir o trabalho humano pelos robôs, está

na economia crítica e nas limitações técnicas. Testes de sensores de visão, sistemas de aperto e tecnologia da informação já estão bastante avançados, segundo a BCG.

Já os trabalhos manuais estão cada vez menos valorizados, o que prejudica as pessoas que baseiam sua renda nessas atividades.

A artesã Marcia Pimenta, de 42 anos, já vê a diferença de alguns anos atrás para os dias atuais. O talento veio de geração em geração. Desde muito nova já exercitava suas habilidades para o crochê e o tricô, tinha amigas que faziam o mesmo, e abandonaram por achar que dava muito trabalho para fazer. “Hoje em dia somente minha família ou conhecidos próximos fazem encomendas. O custo e a desvalorização dos trabalhos manuais fizeram com que isso acontecesse. As pessoas preferem comprar o que vem das indústrias, o que é feito pelas máquinas, procuram pelo menor preço”, acrescenta a artesã.

A solução para a queda de algumas profissões

O desaparecimento de algumas profissões quer dizer que o desemprego aumentará? Talvez. A previsão para o futuro, segundo o especialista em Recursos Humanos, Leonardo Tavares, é de que serão exigidas cada vez mais uma habilidade específica e competências sociais. A saída, de acordo com Tavares, é garantir que todos se beneficiem do avanço tecnológico, buscando conhecer mais sobre as novas tecnologias e não ter como foco apenas as habilidades técnicas, mas o conhecimento permanente e atualizado.

É o caso da Karina Karam, que aos 24 anos trabalha como consul-

tora de imagem e personal stylist, profissão que não é tão presente no Brasil. A consultora, formada em Administração, sempre teve proximidade com o mundo da Moda, trouxe sua paixão desde a infância para a vida adulta, transformando-a em uma competência pessoal, teve sua base em sites estrangeiros, buscou cursos específicos relacionados à moda e hoje trabalha na área corporativa, fazendo dresscode para empresas (um tipo de manual de como se vestir no trabalho) e na construção de imagem de uma pessoa, tratando desde aspectos psicológicos, ajudando na autoestima, até aspectos fisiológicos, como cor da pele, do cabelo e tipo sanguíneo.

O estudante de Publicidade e Propaganda, Leonardo Bacci, aos 20 anos, utilizou o YouTube a seu favor. Criou o canal “Bom dia Léo”, onde conta suas histórias de vida de forma engraçada e fala sobre os mais diversos assuntos. Hoje, com 23 anos, seu canal já está na faixa dos 500 mil assinantes e toda a sua renda financeira vem dos vlogs que faz. O vlogger, que sempre teve facilidade com edição, utilizou dessa qualificação para poder deixar seus vídeos de forma clara, divertida e interessante para seus assinantes. “O que eu mais gosto é a liberdade de poder ser criativo e construir novas ideias. Ou seja, no meu canal posso fazer o que eu quiser. A única parte ruim disso tudo é gravar os vídeos sozinho, apenas eu, a câmera e o computador”, conclui Léo.

O segredo é fazer o que ama

O mercado está em busca de pessoas talentosas que amam e são especialistas naquilo que fazem. É



Karina Karam, consultora de imagem e personal stylist.



Artesã Marcia Pimenta.

o caso da professora particular Ana Maria Quaresma, que acredita que, apesar de ser cada vez mais raro alguém ir às casas das pessoas dar au-

las, o importante é não abandonar aquilo que se gosta de fazer. “Você tem que fazer o que o faz feliz sem se preocupar com o que os outros

vão pensar ou se vai ganhar muito dinheiro. O segredo para o sucesso é a satisfação pessoal”, comentou a professora.

por Mariana Franco de Melo Aguera

Geração BOOKTUBER

Na onda dos profissionais que produzem conteúdo para o Youtube, há aqueles que apostaram na combinação livros e internet. A febre da vez são os booktubers, pessoas que falam de livros na forma de vídeo, de uma forma descontraída e leve. Leem, anotam as suas impressões e o que acham importante ser dito, fazem um roteiro, gravam, editam e postam para milhares de jovens verem e comentarem.

“No Youtube eu me sinto mais confortável de buscar indicações. Por um lado, por ser mais fácil encontrar pessoas com gostos parecidos com os meus e que podem me fazer indicações com chance de gostar e por outro, porque a maneira que expõem a opinião sobre os livros é divertida, prende minha atenção”, comenta Victor Aguiar, de 22 anos, que acompanha o Booktube desde 2013.

Há pelo menos uns 20 canais dedicados ao tema. Alguns exemplos são: Cabine Literária, Geek Freak, Nathalia Cardoso leu, Tiny little things e Luan Felipe. Para fazer da atividade um trabalho, o primeiro passo é tratá-la profissionalmente.

“Se você quer que o seu canal gere renda, você tem que começar a tratá-lo como um trabalho, que foi como eu cheguei no Youtube. Você deve se preocupar com o conteúdo, pois não adianta falar sobre o que gosta se as outras pessoas não gostarem, e requer investimento, ou seja, quando começar a dar renda compre um computador legal, um microfone melhor e seja comprometido, pois frequência é importante”, ensina Augusto Assis, membro do Cabine Literária.

Sobre as perspectivas para o setor, Luan Felipe da Rosa, dono do canal “Luan Felipe”, enfatiza a diferença entre um booktuber e um crítico. “Nós nunca substituiremos a crítica especializada, pois nossa linguagem é mais informal, acho que os dois vão coexistir”.

Booktuber é profissão? “Existe muita gente vivendo de Youtube hoje em dia, mas a renda que você vai ganhar é proporcional à dedicação e ao esforço que você colocar naquele trabalho; leva tempo, até você encontrar o seu público, aprender a falar com a câmera e fazer uma divulgação legal”, finaliza Assis.

Crédito: Mariana Franco.



Augusto Assis, booktuber e membro da cabine literária.



PARA ALÉM DE “LULUZINHAS” E “BOLINHAS”

Histórias de homens e mulheres que exercem funções tradicionalmente realizadas pelo sexo oposto.

Você já entrou em um táxi dirigido por uma mulher? Ou deixou seu filho na escola infantil e o professor era um homem? E o segurança do prédio, era “a” segurança?

Maria Lourenço Galatti, 66, é taxista há 22 anos e conta que o táxi mudou sua vida. “Antes de ser taxista, eu era costureira. Comecei com 14 anos, mas com o passar dos anos, eu entrei em uma depressão profunda. Fiquei com raiva das máquinas de costura e do serviço, pois eu me matava de trabalhar. O meu filho já era taxista, mas o carro e o alvará eram meus. Então um dia me chamaram no ponto que ficava na frente do mercado da Lapa e disseram que se eu não comparecesse, iria perder meu alvará. Então calhou. Eu com a depressão, deixei de ser costureira e virei taxista, e foi o que acabou me livrando da doença”.

Reportagem do jornal Folha de SP, em 2013, apontou que o número de mulher taxista cresceu 162% nos últimos cinco anos. No entanto, Maria Lourenço conta que já sofreu preconceito por ser mulher. “Teve uma vez que uma mulher me rejeitou. Disse ‘com mulher eu não ando’. Depois meus colegas conversaram com ela, e um dia, quando finalmente

decidiu ir comigo, no final da corrida, ela me pediu desculpa e toda vez que chegava no ponto, não importava onde eu estivesse, queria ir comigo”.

Segundo pesquisa divulgada pela Catho Online (site de classificados de empregos), a participação da mulher no mercado de trabalho está crescendo em variados segmentos. As mulheres apresentam maior participação em Recursos Humanos (73%) e Educação (62%). O estudo ainda aponta que as áreas de Tecnologia e Indústria/Engenharia continuam tendo menor índice de atuação feminina, com 16% e 20%, respectivamente.

Juliana de Jesus, de 23 anos, trabalha como auxiliar de iluminador na TV Cultura há três anos. Ela começou a trabalhar cedo, logo aos 12. “Eu participei de projetos sociais na minha comunidade e durante esse percurso, consegui uma bolsa no projeto Fábrica de Cultura”.

Lorraine Matos Castro de Jesus, 24, é operadora de microfones também na TV Cultura e encara as dificuldades por escolher uma área até então dominada por homens. “As pessoas olham as mulheres como frágeis e

A auxiliar de iluminador Juliana de Jesus.





A operadora de microfones Lorraine Matos em atuação.

não é isso. A cada dia você tem que provar que sabe sobre aquilo. Então já tem um pré-julgamento porque é mulher. Com o tempo, a gente mostra que é capaz.”

André de Araújo Marques, 21 anos, está no segundo semestre de pedagogia. Ele conta que morou em Brasília e chegou a fazer cursos de engenharia. “Como minha mãe não tinha terminado o Ensino Médio, fomos até o EJA (Educação para Jovens e Adultos) fazer sua matrícula. Conversando com o diretor, ele pediu para eu dar aulas de matemática lá porque eles precisavam de um professor”. Ele aceitou a proposta e depois veio para São Paulo para começar do zero e fazer o curso de pedagogia.

O estudante relata que, ainda hoje, algumas pessoas estranham sua escolha. “Às vezes alguns amigos antigos que eu encontro perguntam se eu faço faculdade e eu digo que faço pedagogia. Eles perguntam: ‘Pedagogia? Nossa, que diferente um

homem fazendo pedagogia’

Machismo

Seguranças da Receita Federal do Brasil, Roberta Lira dos Santos, 33, e Carina Cardoso Ferreira, 36, concordam quando o assunto é o preconceito que as mulheres sofrem quando suas profissões não seguem os padrões impostos pela sociedade. “Eu acho que isso é machismo, hoje em dia as mulheres podem trabalhar em qualquer profissão, tanto na área de vigilante como qualquer outra, e então causa uma certa ‘dor de cotovelo’ nos homens, pois nós nos dedicamos muito e fazemos até dupla jornada”, conta Roberta.

Em 2013, reportagem publicada pela revista *Veja SP* mostrou que 30.000 seguranças mulheres trabalham em

“As pessoas olham as mulheres como frágeis e não é isso. A mulher é uma pessoa forte e que é capaz. A cada dia você tem que provar que sabe sobre aquilo.”

e m -
presas
privadas
na capital de São Paulo, 17% do total. Carina conta que eu maior desafio foi ter que lidar com muitos homens. “Ser mulher e portar uma arma, me fez ouvir muitas piadas. Tive que cruzar uma batalha, mostrar minha capacidade profissional e emocional, foi uma luta constante”.

Maria Lourenço Galatti é taxista há 22 anos.



Crédito: Carolina Cristina.

Super-cães: trabalhadores e empreendedores



**Eles salvam vidas, vendem produtos e atuam em cinema e televisão.
Remuneração diária pode chegar a R\$ 3.000,00**

Os cães ganharam um grande espaço no cenário da publicidade de empresas ligadas ao mundo PET nas últimas décadas. Nesse universo não é necessário se enquadrar em um padrão de beleza, basta ser simpático. Há cães que chegam a ganhar

15 mil dólares por mês com seus trabalhos, como o Bodhi, da raça Shiba Inu, que virou celebridade em Nova York. Bodhi é modelo e possui mais de 200 mil seguidores em suas redes sociais. As agências publicitárias voltadas somente a animais também ganharam um espaço com a organização dos

trabalhos e seleção de tipos desejados por empresas em seus comerciais.

Existem agências que organizam campanhas audiovisuais e impressas, como a paranaense "Pet Model Brasil", criada em 2009. A diretora Deborah Galliano conta que animais adestrados possuem

mais chances de serem selecionados para um trabalho. “Assim que recebemos uma proposta, pedimos todos os dados e informações sobre a produção para podermos apresentar pets que encaixem com o perfil desejado pelo cliente e caso as ações exijam mais do animal, sempre disponibilizamos um adestrador profissional”, diz Deborah. Os cães de comerciais recebem uma remuneração para cada trabalho, que é dividida entre o dono do pet e a agência. “Valores são negociados de acordo com o tipo de mídia, seja ela voltada a publicidade, documentário, institucional, corporativo ou impresso”, afirma Deborah, que diz que os cachês variam entre R\$250,00 até R\$3000,00 a diária, quase quatro vezes mais que um salário mínimo.

Vaidade canina

Os centros estéticos direcionados aos cães apareceram conforme a grande demanda de consumidores que surgiu. A empresa “CliniCanis”, coordenada pelo doutor Jefferson Garotti, trabalha com saúde e vaidade dos pets desde 1993 e possui uma linha de cosméticos voltada aos cães. A divulgação de seus serviços é feita através da Internet em todo o país. A dona da linha de cosméticos “PetGroom”, Simone Garotti, conta que os produtos tiveram como inspiração suas cachorras, que também são as modelos da linha. “Os produtos nasceram por causa delas. Através de uma brincadeira, acabaram acontecendo, e pensando nelas colocamos os nomes”, diz Simone.

A dona da linha de cosméticos relata que quando precisam de outros modelos para a publicidade da empresa, o comportamento dos cães é o critério de escolha. “O que manda mesmo é o comportamento, tem que ser um cachorro que goste de público, não pode ser muito medroso. Às vezes precisamos de mais cães do que nós temos, então acabamos pegando cães de um cliente ou outro”.

Os cães super-heróis

A seleção de cães feita pelas agências publicitárias também ocorre com cachorros policiais, porém com outros objetivos. Os cães policiais precisam ter mais resistência física, seguindo um padrão. O ex-adestrador do Canil PMESP, Edvaldo Boni, conta que para a maioria dos policiais, o Pastor Alemão é o cão que mais se destaca. “O Pastor Alemão no meu ponto de vista e

também de muitos policiais é o que mais se destaca em ser cão de polícia; gosta de trabalhar, é calmo, um líder de matilha, tem equilíbrio de combate e é fácil de ser adestrado”, diz Boni. O ex-adestrador conta que mesmo com um treinamento diferenciado e rígido, os cachorros são bem tratados e condicionados a se acostumarem com tipos de barulhos e situações que podem os incomodar. Após um tempo servindo a polícia, os cães podem se “aposentar”. “Os adestradores ou condutores têm direito a ficar com o cão quando eles se aposentam”, conta Boni, lembrando que os cães também podem ser doados.

No corpo de bombeiros, os cães podem se aposentar a partir dos 8 anos de idade, permitindo que o condutor do cão durante seu período de trabalho também fique com ele. A cachorra Jade, uma pastora belga malinois, foi uma das heroínas em casos marcantes como o desmoronamento de São Mateus em 2008. Segundo o soldado Seuma do corpo de bombeiros Ipiranga, o escombros é o lugar preferido de Jade, onde ela mais

Crédito: Bianca Bispo e Julia Pinto.



O cabo Gérson e a cachorra Sara.



A cachorra Jade em treinamento.

Crédito: Bianca Bispo e Julia Pinto.



Cachorro Bob, o golden retriever com mais de 200 mil seguidores.

Crédito: Bianca Bispo e Julia Pinto.



Cachorras Jade e Sara, as mais conhecidas do Corpo de bombeiros.

Crédito: Bianca Bispo e Julia Pinto.

se diverte. “O escombro é o paraíso dela, porque esse é o nosso treinamento”, afirma Seuma, que diz que o treinamento começa com o cão de duas semanas, demorando em torno de um ano e meio para ficar pronto. “O cão requer muito treinamento, coisas muito específicas para ele ficar pronto realmente. Uma das características do cão para trabalhar com a gente é ser hiperativo e agitado”, conta Seuma. O soldado explica, ainda, a diferença entre os cães do corpo de bombeiro e os cães policiais. “Nossos cães trabalham exclusivamente com busca e salvamento, não é faro de droga, nem faro de explosivos, nem guarda e nem nada disso, tanto que eles não mordem. Essa é a função deles: busca e salvamento, eles procuram pessoas, independente de quem estiver escondido”.

O cabo Gerson, também do corpo de bombeiros, conta como funciona o treinamento de um cão bombeiro, através de brincadeiras diversificadas, como correr atrás de uma bolinha ou procurar pessoas escondidas em caixas. “Desde pequeno a gente treina usando brinquedos, associando o brinquedo ao odor humano; o que para nós é trabalho, para eles é brincadeira”, explica.

O corpo de bombeiros Ipiranga é o único que trabalha com salvamento utilizando cães em São Paulo. Situações em que uma equipe de bombeiros demoraria cerca de uma hora para vasculhar e resolver, um único cão pode demorar cerca de 20 minutos. Enquanto a polícia prefere trabalhar com o Pastor Alemão, os bombeiros têm preferência pelo Pastor Belga Malinois. Labradores também são muito utilizados, como a cachorra Sara que já participou de diversos salvamentos.

Queridinhos da Internet

Nas redes sociais, os pets fazem muito sucesso. Há perfis de cachorros com milhões de seguidores e fãs que acompanham seus trabalhos. Geralmente são os donos dos cães que organizam o perfil e cuidam da parte financeira. Em São Paulo, Bob é um cachorro que faz sucesso nas redes sociais e possui diversos seguidores.

Luiz Higa Jr. é o dono de Bob, da raça Golden Retriever, e mostra em seu perfil que estão sempre juntos. É ele quem organiza o perfil de Bob e faz as postagens na rede social que atraiu mais de 200 mil seguidores. O perfil desse pet não é voltado a lucros, porém ganha verbas em algumas ocasiões. “Temos algumas empresas parceiras que sempre mandam mensalmente alguma

coisa para o Bob. Quando tem algum evento para ele, as empresas entram com alguma verba para ajudar com os custos”, conta o dono.

Nas redes sociais, cachorros de diversas partes do mundo fazem sucesso, como o cachorro Doug, de Nashville, que possui mais de 700 mil seguidores e 2 milhões de curtidas no

Facebook. Os cães Mané, Polo & Mika e Kelvin são exemplos brasileiros de sucesso nas redes sociais. O nome “iG” do portal de notícias virou sinônimo da raça West Highland White Terrier. O que muitos não sabem é que “o cachorro iG” na verdade é “a cachorra Mi-cky”, que foi escalada como garota propaganda pelo publi-

citário Nizan Guanaes. Micky é uma cachorra dos Estados Unidos e que ainda reside em Los Angeles, com um acesso quase impossível já que sua dona não pode dar entrevistas devido ao contrato com o portal. A cachorra ganha mensalmente um salário de 5 mil dólares sem os trabalhos realizados fora do iG.

Cachorros de cinema

Após participarem de filmes, muitos cães ficaram conhecidos pelo nome de seus personagens e pela simpatia de suas raças. O Pastor Alemão já é lembrado por ser um cão policial, mas após o filme “K-9 – Um policial bom pra cachorro” e as séries de “Rin Tin Tin”, o cão ficou ainda mais famoso. Beethoven também encantou todos por ser simpático e desastrado. A raça São Bernardo é famosa por seu grande porte e por serem fieis. O filme arrecadou mais de US\$145 milhões. O cão japonês Hachiko, da raça Akita, também ficou conhecido por sua lealdade que foi retratada no filme “Sempre a Seu Lado”.

Mesmo após cerca de 60 anos, a cachorra Lassie continua fazendo sucesso. O estúdio DeamWorks Animation comprou os direitos autorais da cachorra por US\$155 milhões e, com uma nova versão

de Lassie, voltou com a cachorra da raça Rough Collie para a mídia. A nova Lassie é a décima de sua linhagem e apresenta programas da KTTV (estação local da rede Fox em Los Angeles), sendo vendida para a DreamWorks por US\$155 milhões.

O filme “Marley & Eu” arrecadou mais de 14 mil dólares em seu dia de estreia e mais de US\$240 milhões mundialmente. O filme contou com 22 labradores para intepretarem cachorro Marley durante sua vida. Os prêmios “Palm Dog” e “Coleira de Ouro” foram conquistados pelo cachorro Uggie, da raça Jack Russel Terrier, que participou do Oscar de 2012 e teve suas patas gravadas na calçada da fama. Uggie foi indicado a diversos prêmios, teve um livro biográfico publicado por Wendy Holden e morreu em agosto de 2015.



Cachorro Uggie na premiação do Oscar em 2012, indicado pelo filme “O artista”.

A DIFÍCIL ARTE DE VIVER DE ARTE



Crédito: Pedro Paulino.

Moradores da comunidade de Paraisópolis relatam os desafios de ser “artista de periferia”

Estevão Conceição da Silva, o famoso Gaudí brasileiro, é morador de Paraisópolis, zona sul de São Paulo e conta que começou seu ofício de artista por causa de uma roseira que tinha em casa. “A roseira cresceu muito e tomou conta do espaço que eu tinha”, então a suspendi com ferro, tela, cimento e bambu”.

O artista, que já foi à Espanha, pela Fundação Gaudí, para participar de um documentário retratando sua arte, afirma ter dificuldades em ser reconhecido e complementa a renda da aposentadoria com serviços de jardinagem em casas de família ou empresas. “Brasileiro que dá valor pra arte é muito pouco”, enfatiza.

Para desenvolver esse trabalho, Silva utiliza as pedras que compra no CEASA (Central Estadual de Abastecimento), argamassa para fixar os objetos e muita dedicação. “Todo dia ele faz algo na casa, nem que seja colocar uma nova pedra”, conta a sua mulher, Edilene.

A respeito de sua comparação com Gaudí, Silva diz que apesar de não ter conhecido o trabalho do espanhol antes, sente-se feliz com a aproximação. “Não conhecia esse artista antes da repercussão do meu trabalho, isso aconteceu naturalmente. Minha casa é o principal retrato disso; sou feliz por viver aqui, ela é diferente das outras casas do bairro, além de ser fruto de um trabalho de

muitos anos. De primeira, as pessoas receberam com estranheza minha obra. Criticavam e achavam diferente, mas depois do documentário se acostumaram, passaram a dar certo valor. Recebo mais visita de estrangeiro que de outra coisa, brasileiro é uma pequena parcela”, conclui.

“I Love Paraisópolis”

Antônio Ednaldo da Silva, o Berbela, é outro artista muito requisitado da comunidade e dono de uma oficina de motos. Conta que desenvolve esse trabalho há mais de 14 anos e disse que tudo começou com seu filho. “Fomos no Parque do Ibirapuera e ele me pediu uma bicicleta igual àquelas que ele via”. Fiz a bicicleta e ele ficou muito feliz; as pessoas começaram a admirar o trabalho, daí foi só crescendo”.

“Berbela da moto”, como é conhecido Antônio Ednaldo da Silva, conta que seu desejo é ensinar a técnica que utiliza e ajudar a comunidade. “Uso muito metal, gasolina para lavar e tinta, muita coisa reciclada. Adoraria ensinar o que faço, quero construir e ensinar, mesmo que voluntariamente. Aqui tenho prazer em estar; com o trabalho das motos, passo por muita coisa”.

Berbela, que também é representante da União dos Moradores de Paraisópolis, participa do Circuito das Artes de Paraisópolis, projeto idealizado pelo presidente da Associação dos Moradores e Comerciantes, Gilson Rodrigues, que desde setembro de 2013, agenda visitas para que as pessoas conheçam o trabalho dos artistas da comunidade. “Penso em criar uma oficina, quero ter assessoria, contribuir com a comunidade, quero gente pra cuidar dos negócios, que agende as visitas, faça as vendas. Comecei a vender faz pouco tempo pra ajudar na renda, tenho quatro filhos”.

O pernambucano Berbela teve suas obras veiculadas na abertura da novela “I Love Paraisópolis”, exibida na rede Globo em 2015. “Eles vieram aqui, conheceram o trabalho e compraram umas peças. Até repórter que trabalha com televisão ficou admirado. Fiquei muito emocionado ao ver minhas obras na televisão, teve gente que até chorou aqui”, disse o artista que com 51 anos, é analfabeto.

As obras, totalmente sustentáveis, chamam a atenção pela simplicidade e pela técnica aguçada. “Vim de Lindóia e sempre quis ver de perto essas maravilhas.

Participamos aqui em São Paulo de um projeto de contar histórias de vida. Passamos por situação de orfanato, sabemos como é vir da simplicidade e sua história certamente estaria lá”, conta uma das visitantes que vieram ao local conhecer de perto o trabalho do artista.

Crédito: Kátia Laurindo.



Tudo vira arte nas mãos de Estevão.

Crédito: Pedro Paulino.



A obra assinada de Berbela.

Crédito: Kátia Laurindo.



As paredes da “casa de pedras” em Paraisópolis.

ALTER EGO “O OUTRO EU”

Vivenciar personagens profissionalmente coloca em cena prazer e desafios

Personagem, do francês *personnage*, segundo o dicionário Aurélio, significa pessoa fictícia de uma obra literária ou teatral. No dia a dia, durante a rotina, um personagem pode estar do seu lado sem você notar. Personagens podem construir uma personalidade, uma infância inteira e até mesmo tornar-se uma profissão. Criações são feitas todas as horas, seja no local de trabalho ou na vida pessoal. Já pensou em ser um personagem?

Wellington Fagundes Sobrinho largou sua profissão dentro de um cartório para trabalhar como o “mosqueteiro”, mascote oficial do Corinthians. A paixão pelo esporte o levou a esta troca radical de profissão.

Além disso, Fagundes afirma que animar a torcida tem muito mais a ver com sua personalidade do que viver trancado em um escritório. “A forma que as pessoas te abordam normalmente é muito tranquila. Raríssimas vezes tive que tomar uma atitude mais direta”, diz o mascote sobre o relacionamento com o público.

Nesta última década, a presença de personagens tornou-se constante nas partidas de futebol – é difícil encontrar time que não tenha seu mascote. Clóvis Damasceno de Almeida, a “Baleia”, mascote oficial do Santos, conta

que sempre teve facilidade em trabalhar com o público. “Não é nada forçado, é uma coisa que eu gosto. Acredito que quando a gente faz o que gosta, faz com mais vontade”. Por outro lado, Damasceno fala sobre a dificuldade de conciliar a faculdade com o trabalho, que depende do horário dos jogos. “No começo fica corrido conciliar essas atividades”. Ele conta que a profissão, por não ser comum, gera curiosidade nas pessoas. “Me procuram nas redes sociais, acompanham meu trabalho, e sempre surgem muitas perguntas(...). Isso é legal.”

O time feminino também ganhou espaço nessa área de ter um alter ego, ou seja, uma nova personalidade, um personagem. De veterinária a sereia, Anna Carolina Catan conta que assistia muito aos desenhos da Pequena



Crédito: Arquivo pessoal.

Clóvis Damasceno dá vida à “baleia”.



Sereia da Disney, a Ariel. A convite de um amigo, diretor do Aquário de São Paulo, Anna trabalhou durante três meses, em 2013, atuando como a Sereia Coral. Para trabalhar como sereia, a única restrição era não pintar a unha e não usar maquiagem. Nadar e interagir com os peixes, animando o público, deixava a visita ao aquário mais divertida. Anna também conta qual foi a reação por parte do público infantil, que estranhou a presença deste novo personagem no primeiro momen-

Crédito: Arquivo pessoal.



O "mascote" Wellington Fagundes Sobrinho.

to. "Minha experiência com as crianças foi fantástica. Era algo um tanto quanto curioso e divertido, uma experiência bacana e rica". Anna trabalhava aos sábados e aos domingos, às 11h e às 15h. "Eu ficava dentro d'água durante 1 hora e tinha um revezamento com outra sereia, ficando num total de 4 horas cada", explica a Sereia Coral sobre seus horários, quando trabalhava com a Sereia Cristal, a modelo Gisele Martins.

Para aprender a nadar com os pés amarrados, sentiu dificuldade no começo. Uma saída adotada por Anna foi usar pés-de-pato, criando mais agilidade e rapidez. A experiência trouxe também paixão pelos peixes. "Criei uma paixão pelos peixes, exceto alguns que eram bravos: o Pirarara, o Bagre e o Lobo Marinho. Não podia fazer movimentos rápidos perto deles. Não podia usar maquiagens fortes para não assustar os animais". A sereia diz que a sensação foi gostosa e agradável, uma das coisas que mais gostava de fazer.

Era uma vez...

Após a criação da primeira princesa da Disney, a Branca de Neve, em 1937, a paixão por parte do público infantil

e também do público adulto começou a crescer, mesmo que muitos não saibam a real história de cada conto. Meninas começaram a dar vida a estes personagens tendo não somente um retorno financeiro, mas obtendo carinho por parte de seu público. Para a estudante de direito Isabella Jucknevicus, de 21 anos, seu trabalho como princesa é algo gratificante. "Acho prazeroso e gratificante fazer parte do sonho de crianças", conta Isabella, que diz que adora

trabalhar com crianças bem pequenas. A estudante de direito pretende seguir carreira na área que está cursando e diz que este trabalho é temporário, assim como afirma a estudante de medicina veterinária Giulia Bonagura, que também trabalha como princesa.

Princesas como Ariel, Rapunzel, Branca de Neve e Cinderela, interpretadas por Giulia, de 20 anos, recebem muitos elogios por parte de quem a contrata em festas e também de seu público infantil. A estudante conta que seu trabalho é tão prazeroso que acaba se esquecendo do retorno financeiro. "É difícil não se sentir bem arrancando sorrisos, sempre sou bem tratada por quem contrata, pelas crianças, pelos convidados, pela empresa

"Não é nada forçado, é uma coisa que eu gosto. Acredito que quando a gente faz o que gosta, faz com mais vontade".

que trabalho. É muito raro quando acontece o contrário. O meu ambiente de trabalho é incrível”, diz Giulia, que sempre gostou dos personagens do mundo mágico das crianças. Como toda profissão tem suas experiências desagradáveis, para as princesas é decepcionante quando as crianças tentam expor sua verdadeira identidade. “Nunca é agradável quando as crianças acham que você é alguém fantasiado, que está de peruca e tentam provar isso pra você. O mais chato é que na maioria das vezes que isso acontece, a criança não quer só mostrar pra mim que não sou eu mesma, e sim pra outras crianças que ainda acreditam”, conta a princesa.

Para a atriz Naomy Schölling, dar vida a diferentes personagens é um grande desafio. “Somos sempre nós que estamos interpretando os diversos personagens. Portanto, por mais que tentemos nos neutralizar, sempre haverá muito ‘nosso’ em cada personagem que fazemos. Mas é um desafio, tentar criar pessoas que são diferentes da gente de alguma forma. Que tenham características diferentes, sejam físicas, sejam de caráter. Temos que tentar sair do que nos é ‘fácil’ e ‘confortável’ e tentar atingir outros níveis. Sair do nosso ‘cotidiano’ e chegar a um corpo diferente, uma voz diferente, um tique que não é nosso, que foi criado especialmente para aquele personagem”, conta.

Naomy salienta, de qualquer forma, a importância de saber diferenciar realidade e ficção. “Ficção é ficção e realidade, realidade. O ator não ‘incorpora’ como alguns atores gostam de dizer. É um trabalho

consciente e dedicado”, explica.

Por trás da criação

Para a criação de um personagem é necessária criatividade e imaginação. Mauricio de Sousa, criador da “Turma da Mônica”, conta que sua inspiração vem da família, principalmente de seus filhos. “Quando se tem uma família grande, muitos filhos, os personagens vêm com facilidade. É só copiar o que

a gente vê, sente e conhece. Comigo foi meio que assim, mas de vez em quando um personagem nasce do nada, da necessidade de uma nova figura para o desenvolvimento de uma historinha”, diz o cartunista. As HQs (histórias em quadrinhos) da Turma da Mônica surgiram em tirinhas de jornal em 1959. Entre 1960 e 1963 os personagens Mônica e Cebolinha ganharam destaque e passaram a ser os personagens centrais das

Marcos Mion de

Marcos Mion iniciou sua carreira atuando na rede Globo em 1999, no seriado Sandy & Júnior. Um ano depois, Mion foi contratado pela MTV, com a estreia de seu primeiro programa relacionado à música, o Supernova, mas ganha destaque por seu humor infiltrado em outro programa musical, chamado Piores Clipes do Mundo. Após sua explosão na MTV, o apresentador segue carreira na Rede Bandeirantes, onde apresentou o programa “Descontrole”. Sua história é marcada por criar grandes personagens, assim como pode ser visto atualmente em seu programa na Rede Record chamado Legendários.



ORIGENS: Como você se sente em relação a ter um personagem de si mesmo?

MARCOS MION: Começou há muitos anos, quando eu comecei a trabalhar na MTV. Desde muito cedo para mim é muito fácil e simples criar e dar vida a personagens diferentes, e como eu tinha o sonho de trabalhar na MTV, quando eu consegui realizar, para mim foi muito fácil criar um personagem que eu achava que era o que estava faltando dentro da emissora. Não é um personagem mentiroso, eu só destaquei uma parte de mim e foquei nela.

O: Qual é a trajetória do “Mionzinho” na sua carreira?

MM: Ele começou quando eu fiz um programa chamado Covernation. A MTV encomendou para mim um programa de bandas cover e aí criando o programa eu falei que ia fazer tudo cover, e que queria um cover meu até. Na época ainda a gente era muito mais parecido e a piada funcionou demais. Hoje o Mionzinho não é mais só o Mionzinho, ele é um personagem próprio, ele faz as

histórias, sendo que os primeiros protagonistas foram o cão Bidu e seu dono Franjinha. Sousa também diz que o processo de criação de uma HQ pode levar entre 3 a 4 meses. “Primeiro vem a ideia que vira um roteiro. Depois o esboço dos desenhos baseados nesse roteiro e aí a arte-final e a colorização que hoje são desenvolvidas com auxílio dos computadores. Aí vai para a gráfica para impressão e depois é feita a distribuição

para chegar aos leitores. Esse processo todo leva de 3 a 4 meses”, explica Sousa. A criação de um personagem que encaixe nos roteiros da Turma da Mônica depende de diversos fatores. “Temos os personagens principais que foram criados quando comecei meus primeiros desenhos. Outros surgem após analisarmos como serão visualmente e a personalidade que vai se encaixar nas historinhas da turminha”, afirma o car-

tunista. Mesmo após mais de 50 anos, os personagens criados por Mauricio de Sousa continuam fazendo sucesso e já com 80 anos de idade Sousa conta que sua empresa se preocupa com a imagem que transmite para seus leitores. “Só posso me sentir bem e com energia para mais desafios. Nosso estúdio é uma fábrica de ideias e nunca paramos. Nosso combustível é saber que temos uma multidão de leitores que nos acompa-

por Bianca Bispo e Julia Pinto

criador a apresentador

coisas dele, tem os quadros dele.

O: Você acha inusitado ter um personagem seu?

MM: No começo era, agora é normal. Não sei mais como é não ter ele, faz tanto anos já, desde 2005, mas no começo era muito engraçado. As pessoas não acreditavam, ainda mais quando acabou o Convergence e eu continuei levando ele comigo para programas que nem eram mais de cover.

O: Nessa trajetória na televisão, diversos personagens já foram criados. Qual deles marcou mais e qual deles foi o mais bizarro?

MM: O Hulk é a grande novidade, eu me divirto demais. Acabei lançando muita gente aqui no próprio Legendários. Tem alguém do Legendários em praticamente todos os programas. Desde o Léo Lins que está no The Noite, o Maurício Meirelles que está no CQC, a Carol que é Panicat era Legendete; em quase todo lugar tem alguém que saiu daqui.

O: Como é trabalhar com a figura do

“Hulk Magrelo”?

MM: Ele é muito engraçado e eu acho que eu tenho esse talento para achar esses personagens. Ele apareceu um dia aqui em uma ideia que a gente teve de fazer super heróis estranhos. Quando eu o vi, pensei “não é possível, é esse e a gente vai ficar com ele”. Ele é um cara dedicado e ainda está muito assustado com tudo o que está acontecendo, mas ele é um cara que me ouve 100%, super esforçado, entra no personagem.

O: Você acha que seria possível ter um programa sem nenhum tipo de personagem?

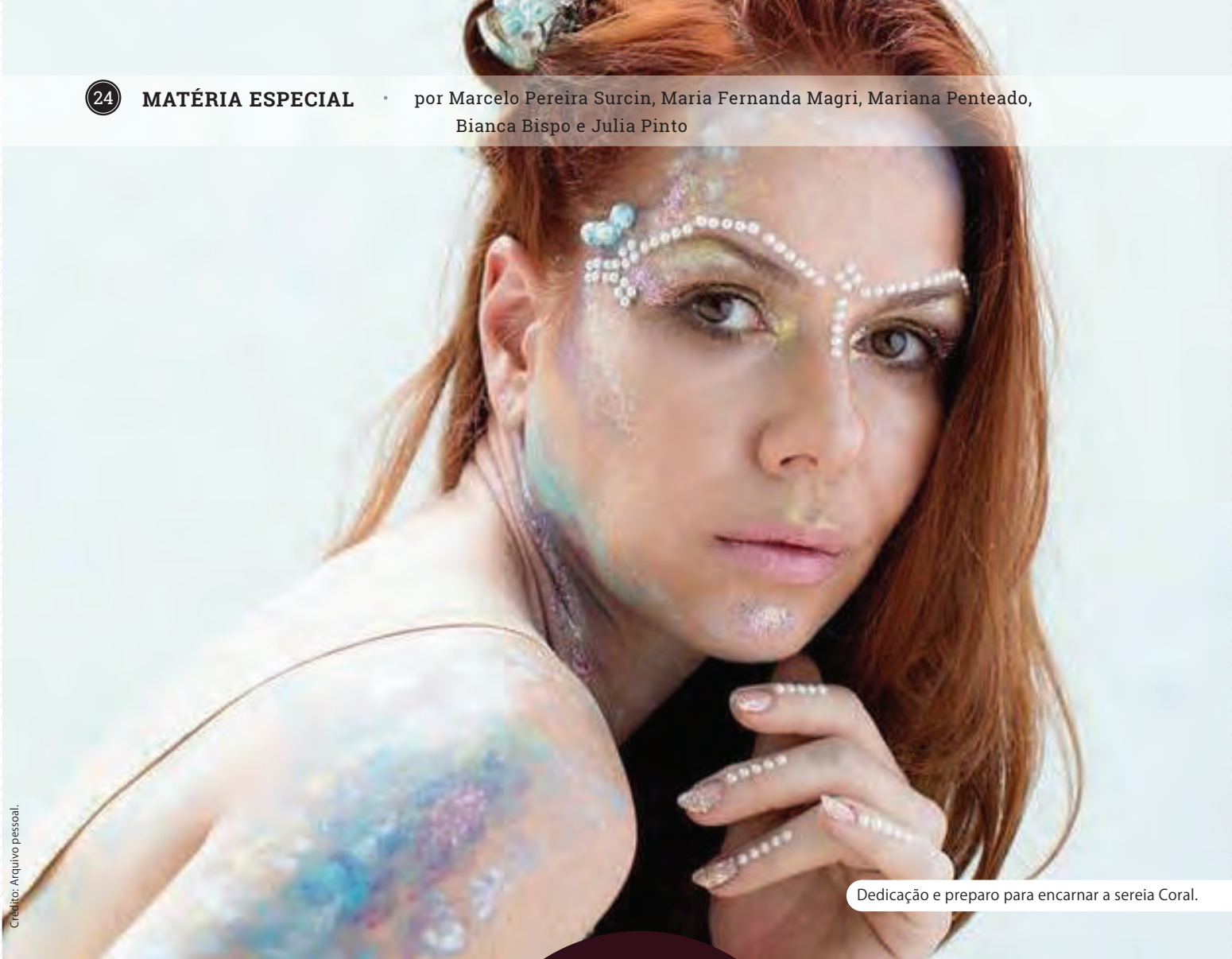
MM: Sim. Eu sou um cara que estou acostumado. Na MTV eu sempre era encomendado a fazer um programa novo por ano. Se for esse o desafio que me derem, eu vou fazer. Tudo na vida você tem que ter bagagem e experiência antes de qualquer coisa, eu sempre pautei minha vida nisso. O trabalho, o conhecimento e dedicação. Não é que você é melhor que ninguém ou que você seja cheio de si, você tem que saber seu lugar e o que você é



capaz de fazer e se preparar para isso.

O: O que você acha mais inusitado em seu programa?

MM: Acho que o jeito que eu levo ele. Eu não sou um apresentador caretinha, quadradinho, eu gosto de fazer um programa que deixe as pessoas se sentirem como se elas estivessem ali, como se fossem um amigo, que é como eu acredito que a Record se encaminhou, onde todo mundo é amigo. Eu acho que isso é uma linguagem muito inusitada que eu trouxe para o programa, mas fora isso tem o Vale a Pena Ver Direito, os personagens que compõem um time que já é extremamente inusitado e os jogos que a gente faz.



Dedicação e preparo para encarnar a sereia Coral.

nham e participam de nossas histórias". Outro criador e também ator e apresentador, Marcos Mion, conta que quando criou um personagem de si mesmo era muito inusitado, mas que agora não sabe mais como é ter um programa sem essa figura. Há 11 anos, Victor Coelho, o Mionzinho, acompanha Mion em seus programas. "Não sei mais como é não ter ele, faz tanto anos já, desde 2005, mas no

começo era muito engraçado. As pessoas não acreditavam, ainda mais quando acabou o Covernation

"Eu ficava dentro d'água durante 1 hora e tinha um revezamento com outra sereia, ficando num total de 4 horas cada".

e eu continuei levando ele comigo para programas que nem eram mais de cover", diz Mion. O apresentador diz que foi muito fácil criar o Mionzinho, já que é um personagem que o retrata fielmente. "Para mim é sempre muito natural fazer personagens de mim mesmo, porque são partes

minhas que eu destaco dependendo do programa que eu estou fazendo".



RICHARD RASMUSSEN

Profissão “aventura”

Apaixonado por animais, o apresentador, biólogo e economista Richard Rasmussen considera-se um trabalhador incansável e atribui sua motivação diária a fazer o que se gosta. Iniciou sua atuação na TV em 2005, na Futura; no mesmo ano, começou a apresentar o quadro “Selvagem ao extremo”, na Record. No SBT, com o programa “Aventura selvagem”, permaneceu de 2009 a 2014. No ar com os programas “Sábado selvagem”, pela Bandeirantes, desde maio de 2015, e “Mundo selvagem de Richard Rasmussen”, pelo canal Nat Geo, desde 2013, ele conta na entrevista a seguir suas percepções sobre a profissão e situações inusitadas pelas quais passou durante as gravações de seus programas.

ORIGENS: Profissionalmente, como você se define? Como biólogo?

RICHARD RASMUSSEN: Tecnicamente sim, até porque isso me dá um respaldo técnico no que eu faço. Eu sou um biólogo que apresenta programa em televisão.

O: A abordagem é um pouco mais inusitada?

RR: A abordagem é tentar trazer o telespectador para vivenciar uma

Crédito: Paloma Sganzerla.



A motivação diária está em fazer o que se gosta.

experiência, vivenciar aquilo, então a gente tenta fazer como se fosse ao vivo, as coisas estão acontecendo, contando uma história, sempre seguindo uma história.

O: Como foi ser mordido por uma iguana e permanecer tão natural? Já aconteceu esse tipo de situação com outros animais?

RR: Ela se defendeu, só que eu

não achei que ela fosse fazer o que fez. Acontecem acidentes, não é sempre, mas acontecem. A gente torce para que não sejam animais grandes. Crocodilos e jacarés são animais muito antigos, muito fortes, e ter um acidente com um animal desses normalmente significa perder uma parte do corpo; eu perdi um pedaço do dedo aqui por uma estupidez com um jacaré.

O resto, às vezes, é uma mordida...e quantas mordidas. Faz parte, ainda mais com o comportamento animal.

O: E qual é a maior dificuldade em lidar com animais?

RR: No nosso trabalho, de quem mexe com natureza e animais, você está trabalhando num campo meio imprevisível, porque o animal não segue um padrão exatamente. De certa forma você tem sinais do animal do que pode acontecer, você não tem certeza absoluta e às vezes erra, se distrai, calcula errado uma distância, acontece com qualquer profissão.

O: Dá para dizer que você foi precursor nesse tipo de programa no Brasil?

RR: Nessa forma que mistura um pouco mais de aventura e culturas, sim. O Sérgio Rangel é um cara que começou muito antes, é um grande biólogo, começou com a Eliana, um cara incrível, amigo meu, foi meu professor; só que era mais aquela coisa de zoológico. Essa coisa de aventura, de explorar o planeta, de viajar, isso começou aqui no Brasil estranhamente comigo.

O: A TV apareceu de certa forma “sem querer” na sua vida?

RR: Aconteceu. Eu tinha já feito uma escolha, tinha saído da carreira da economia para biologia, já tinha me preparado para isso. Foi uma escolha de coração, que eu queria ter trilhado antes. E aí, em um certo momento, apareceu a televisão. Eu já tinha feito a escolha pela biologia, montei um criadouro conservacionista muito grande com o dinheiro da economia. Já estava fazendo biologia e estava me preparando, esperando dar uma firmeza no outro barco para pular para lá.

O: Você diria que essa coisa da aventura, mexer com animais que são imprevisíveis, é o que o motiva a fazer esse tipo de trabalho?

RR: Eu adoro animais, trabalho incansavelmente. A grande “desculpa” para fazer meu trabalho é que posso conhecer onde a gente vive, que é o nosso planeta, e isso é o que me motiva todos os dias. É por isso que eu ainda não parei. Para montar uma pauta, preciso conhe-

Crédito: Paloma Sganzerla



A ararajuba Duda, na casa do apresentador.

cer o lugar para onde eu vou. Mergulhar profundamente nesse conhecimento é o que me motiva.

O: O que você viu de mais inusitado na sua experiência vivendo como nômade na África?

RR: Se você está em um bom espírito, a África é linda. Se você não está em um bom espírito, a África pode ser seu pior pesadelo. A África tem esse contraste. Num ponto a África é maravilhosa, mas você vê ali pobreza, desgraça, gente morrendo de fome. Você tem que ter muito estômago. Tem que saber olhar e sair daquilo que não te interessa, mas não tem como não se envolver, você está ali. Acho que o mais difícil da África

“Essa coisa de aventura, de explorar o planeta, de viajar, isso começou aqui no Brasil estranhamente comigo.”

Crédito: Bianca Bispo



A arara “Blue”.

foi isso. E tem a mambra negra, uma cobra terrível. A África é o lugar onde você tem uma mega fauna.

O: Para você, como acontece essa relação entre mídia e meio ambiente?

RR: A mídia é uma ferramenta incrível, quando usada para o bem. O que eu acho é que já que a gente tem o espaço e a atenção de tanta gente, por que não colocar coisas com qualidade? Modéstia à parte, eu acho que nosso programa é um produto com qualidade. Uma criança de 4 anos de idade assiste ao programa “Mundo Selvagem” como uma senhora de 80 anos também assiste. Esse é um programa para a família assistir junta. É

um programa que traz conhecimento. Não é um programa para ser chato, mas sim um programa para entreter com qualidade.

O: E em relação às perspectivas?

RR: Continuo com a Net Geo, que deu certo. Dentro das produções nacionais da Nat Geo, a gente é disparado o número um. Eu tenho orgulho de trabalhar com a Nat Geo, que ainda mantém muito as suas raízes, é um selo que para mim dá credibilidade. Eu sou o mesmo Richard de sempre, com mais experiência, mais velho, com mais rugas, mas é o mesmo Richard que começou há 10 anos. Eu comecei na TV Futura, com um programa para crianças, e hoje estamos

voltando, com uma proposta mais refinada, com um programa infantil que me dá muita satisfação na Nickelodeon – a gente já tem o contrato assinado.

O: Seu esquema de trabalho é de certa forma um pouco empreendedor nesse sentido? Você tem a produtora que dá suporte nesses projetos?

RR: Isso. A produtora é minha porque eu preciso de flexibilidade, não posso depender do câmara, preciso ter isso na minha mão. Eu entrego os produtos prontos. Faço uma reunião e levo a ideia do produto e é muito legal porque não sou “escravo” de ninguém. As TVs hoje estão terceirizando, a terceirização é o caminho.



“Eu adoro animais e trabalho incansavelmente”.



MINHAS MÃOS MINHA VOZ MEU TRABALHO

Na procura por profissões novas, mercado de trabalho traz opções criativas e curiosas

“É bem diferente, muita gente não entende o que é. A profissão causa, a princípio, um estranhamento ao público, mas falando da área de atuação, é uma profissão muito prazerosa. Inicialmente, fazemos um book com diversas fotos de trabalhos anteriores, que é enviado pela agência para avaliação de novos testes”, diz a modelo de mãos Cristina Midori, 32.

Se seus dedos são compridos e as mãos estreitas, o formato das suas unhas é uniforme e bonito e as juntas dos dedos são pequenas, você possui sinais de que suas mãos são belas. A pele deve ser suave e uniforme já que a maquiagem não é o suficiente para corrigir imperfeições, tais como marcas de nascença, sardas, pintas, verrugas, cicatrizes, dedos tortos e unhas com

formas irregulares. Todos esses defeitos podem limitar bastante o futuro para um modelo de mão.

O mercado tem as suas exigências: no caso das mulheres, a parte de cima da mão precisa ser estreita; mesmo havendo mais mulheres sendo modelos de mão, há demanda por modelos masculinos também, é preciso ver primeiro se as juntas dos dedos não são peludas.

Há vários tipos de trabalho. Alguns modelos não usam apenas as mãos, usam também outras partes do corpo para fotografar. É importante lembrar que algumas agências podem ter um departamento específico para isso, mas outras não.

“É diferente atuar em diversas esferas da moda, tanto como modelo de mãos como de rosto, onde uso meu sorriso, meus olhos. Os trabalhos, por mais englo-

bados que sejam, são bem distintos e exigem de nós cuidados diferentes com relação ao corpo”, comenta Sally Sawyer, 20, modelo fotográfica e de mãos.

É preciso ter mãos firmes já que alguns trabalhos exigem que você fique por horas na mesma posição segurando um objeto sem apoio. Qualquer movimento fará com que as fotos fiquem tremidas. Gravar comerciais de TV pode demorar várias horas. Um comercial de 30 segundos pode levar até 12 horas de filmagem e o modelo precisará estar pronto para repetir as mesmas ações várias vezes seguidas.

“Em poucos trabalhos eu fico duas, três horas na mesma posição ou na mesma diária de trabalho. Normalmente são de oito a dez horas a nossa diária, quando não viram dois dias de trabalho”, diz a modelo de mãos, produtora, atriz e apresentadora Roberta Barros, 38.

A inclusão da voz

Propagandas, personagens, locução, comerciais, anúncios, sites de pesquisas, funções em aparelhos eletrônicos, avisos, são espaços para os profissionais da voz.

Para os dubladores, um dos pré-requisitos da profissão é cursar artes cênicas (graduação) ou teatro (profissionalizante). Antes de dublar,

é preciso atuar; logo, a dublagem é uma especialização para atores. Cursos específicos para a carreira, que ensinam postura diante do microfone, técnicas de respiração, dicção, interpretação e principalmente sincronismo labial (quando a fala do dublador corresponde ao movimento da boca do personagem), podem ser encontrados nos sindicatos da categoria.

“Existem diversos cursos profissionalizantes de teatro e dublagem que podem auxiliar. É super gratificante estar por trás da voz de um personagem famoso, ainda mais quando a visibilidade dele é grande e se torna muito querido por todos”, diz Daniel Garcia, 20, dublador do personagem Patrick do desenho Bob Esponja.

“Somos responsáveis em manter o tráfego ordenado, seguro e rápido. O controlador é o filtro que vai ditar as regras e as normas para que o tráfego ocorra de maneira segura e ordenada. A gente trabalha sempre gerenciando os riscos, se existe uma possível colisão você tem que estar sempre atento para poder evitar. Uma das características do controlador de tráfego aéreo, além do raciocínio rápido, é a proatividade”, diz Aline Ribeiro, 32, militar com formação técnica em controle de tráfego aéreo, que usa a voz como ferramenta essencial para o seu trabalho.



Mercado exigente: dedos compridos e formato uniforme das unhas.



Crédito: Giovanna Félix

COVEIROS, AGENTES FUNERÁRIOS E NECROMAQUIADORES: PROFISSIONAIS DA MORTE

Saber lidar com a morte é algo difícil para a maioria das pessoas. Porém, existem trabalhos que lidam diariamente com esse acontecimento, atuando em diferentes frentes e auxiliando profissionalmente as famílias no momento da perda.

Não é preciso ter medo dos mortos, mas sim, dos vivos! Essa é uma afirmação que para grande parte da população não representa sentido algum. Entretanto para colaboradores do serviço funerário é possível defini-la como lema. Um desses profissionais é o coveiro.

A rotina trabalhista desses servidores consiste no sepultamento, cremações e exumações. “Nós retiramos os ossos, mostramos à família caso tenham interesse, depois colocamos nos ossários, que são as gavetas”, afirma Manoel Pereira de Novais.

Pereira é coveiro há vinte anos, sendo quatorze deles no cemitério da Freguesia do Ó, zona norte de São Paulo. Explica que entrou na profissão através de um concurso e que antes de ser tornar coveiro era metalúrgico, porém o desemprego da época acabou levando-o para este novo ramo. “Não tenho medo de trabalhar com isso, mas no início, o que as pessoas falavam me deixava inseguro, porém com o tempo, fui percebendo que nada acontecia”, afirma o coveiro.

Ainda dentro do serviço funerário, existem as cooperativas, em que os agentes funerários ficam responsáveis pelos veículos de transporte e fazem o serviço, semelhante ao de um profissional autônomo.

Neste caso, os mesmos agentes responsáveis pelo

transporte são também encarregados em preparar os defuntos para o velório. “A preparação é contextualizada pelo embalsamento, a limpeza do corpo, restauração e tamponamento (aspiração interna para evitar vazamento de líquidos). Nos casos de mortes por doenças infecciosas, acidentais ou corpos que já estão em processo de decomposição, é necessário que o caixão seja lacrado para preservar a família”, explica Gilmar Viola Lima, ativo neste ofício há trinta e seis anos.

De acordo com dados recolhidos no Portal da Prefeitura, espalhados pela cidade de São Paulo existem vinte e três cemitérios públicos e um crematório, localizado na Vila Alpina, e dez agências funerárias.

A ex-necromaquiadora Werly Rodrigues Alves.

Maquiagem póstuma

Uma área ainda menos conhecida é a necromaquiagem, que nada mais é do que a maquiagem feita em cadáveres. O inusitado é a escolha feita por maquiadores comuns que decidem emprestar suas habilidades para oferecer ao falecido em sua última homenagem a chance de ficar mais bonito.

A pouca procura no ramo pode proporcionar salá-

rios mais altos. A média salarial é de R\$ 3.000,00. “O trabalho em si requer muito respeito, podem acontecer coisas bizarras. Já precisei maquiar um homem me baseando apenas em sua fotografia. Neste caso, o rapaz havia levado muitos tiros no rosto a ponto de deixá-lo irreconhecível. Mesmo assim, não deixei de fazer isso devido a essa situação”, afirma Werly Rodrigues Alves, maquiadora que atuou na área por aproximadamente nove meses.

“O trabalho em si requer muito respeito, podem acontecer coisas bizarras.” afirma Werly Rodrigues Alves.

LOCAL DE TRABALHO: CRACOLÂNDIA

Missionária presta auxílio a dependentes na região central de São Paulo

“Como nunca tinha vindo para São Paulo, pensava que o centro era um lugar onde as pessoas jogavam lixo. Eu não tinha ideia que esse lixo eram essas pessoas que eram vistas desta forma”, afirma Rozenilda Silva dos Santos, mais conhecida como Nildes Nery, 48 anos, que optou por mudar de vida e largar a profissão para viver na Cracolândia, centro de São Paulo, prestando assistência aos dependentes químicos.

De Salvador, veio para São Paulo, há 10 anos, com seu marido e suas duas filhas, pelo ministério da igreja onde ela e o marido são pastores, a convite do reverendo Jonathan Hall, secretário nacional de missões na

época. A família foi alojada na Rua Conselheiro Neves, centro da cidade, onde usuários de drogas, garotas de programa e moradores de rua eram seus vizinhos. “Para algumas pessoas, eles eram invisíveis, mas para mim eles eram vizinhos visíveis. Eu não tive como não me envolver”, diz Nildes.

Mesmo já envolvida com trabalho social, Nildes conta a dificuldade que teve no começo e o quão difícil foi aprender a separar sua vida pessoal e impor limites. “No começo eu não me adaptei, passei um ano chorando, mas com o passar do tempo, fui me acostumando e ganhando motivos para ficar e continuar o que eu estava



Nildes, missionária em tempo integral.



Ganhar a confiança das pessoas foi o primeiro passo.

fazendo". Ela e a família passaram a serem conhecidos no bairro e se engajaram cada vez mais em projetos voltados a esse público de rua, entre eles o Projeto Recomeço e o Centro Assistencial ao Povo Carente. Criaram um espaço onde os usuários podiam comer, tomar banho, conversar e fazer oficinas diversas. O projeto só foi crescendo, até que o casal resolveu se dedicar cem por cento àquele lugar e largaram seus empregos. Por iniciativa do casal, muitos usuários de drogas têm sido encaminhados para casas de recuperação, outros têm voltado para suas casas, e outros participam dos cursos profissionalizantes realizados no Projeto Retorno, outro que desenvolvem na região.

Antes de tornar-se missionária em tempo integral, Nildes trabalhava em um hospital como assistente administrativa há quatro anos e seu marido, no Banco do Brasil, há oito anos.

Hoje ela se sustenta sendo remunerada por um projeto do governo, Projeto Recomeço, e lidera uma equipe de quarenta assistentes sociais do governo estadual que a procuram quando precisam se aproximar de viciados mais arredios. Em alguns casos, é chamada até para apertar brigas na rua. "Essas pessoas precisavam de alguém para dar um 'bom dia' ou apenas desabafar", conta Nildes. "Virei parte da família delas."

Já o Centro Assistencial ao Povo Carente tem como foco ajudar grávidas e a recuperação de dependentes

químicos por meio de doações.

Desde 18 de janeiro de 2014, a pastora estabeleceu no local, treinou 40 conselheiros que abordam os dependentes e oferecem ajuda. "A gente precisa ganhar a confiança dessas pessoas. O nosso trabalho é explicar como são os tratamentos oferecidos pelo Cratod (Centro de Referência de Álcool, Tabaco e Outras Drogas), criado pela Secretaria de Estado da Saúde em 2002) e tentar entender qual a necessidade de cada um. Às vezes eles só precisam de um prato de comida, de um banho e até de uma ligação para um parente que perderam o contato", explica.

Hoje, Nildes caminha pela região com tranquilidade, pois já é conhecida de todos. "Posso vir aqui de madrugada, nada acontece comigo. Todos me conhecem e sabem do meu trabalho."

Sobre sua atuação, a missionária diz não encarar o que faz como uma profissão, mas sim como uma vocação, um dom. "Acho que essa força para ajudar vem da minha origem humilde. Sofri muito na infância, cheguei a apanhar de um tio todo dia. Mas nada tirava do meu coração que eu venceria."

"Para algumas pessoas, eles eram invisíveis, mas para mim eles eram vizinhos visíveis. Eu não tive como não me envolver"

PROFISSÃO: AMIGO

Em viagens ou como companhia de idosos, os “friends” são cada vez mais requisitados

Nas “cidades grandes”, é cada vez mais comum as pessoas optarem por morar sozinhas em busca de independência.

Conforme dados do IBGE, de 2009 a 2011, houve um aumento de 800 mil brasileiros que se somaram aos 7 milhões que já moravam sozinhos. Esse aumento percentual no número de “moradores solitários” foi de 0,7%.

Os estados em que há mais incidência de pessoas que moram sozinhas são: Rio de Janeiro: 15,6%; Rio Grande do Sul: 15,2%; Mato Grosso do Sul: 13,2%; Goiás: 13, 2%; Minas Gerais: 13%. O estado de São Paulo

está em 10º lugar, com 12,3%.

Contra a solidão, é possível, hoje, até mesmo “contratar” amigos. O serviço “amigos de aluguel” vem crescendo no Brasil e pode ser contratado por estrangeiros que querem conhecer o país ou por pessoas que desejam acompanhantes para um passeio, para dançar ou, simplesmente, para conversar.

Tassy Franco é friend há um ano e conta como recebe esses estrangeiros aqui no Brasil. “Tem pessoas bem diferentes, umas mais jovens, outras mais velhas um pouquinho, enfim gente que gosta mais de arte ou de agito. Então, sempre antes de

fazer o tour, tento conversar com a pessoa e traçar um miniperfil, para minimamente entender o estilo dela, e pergunto se ele ou ela tem algum lugar que ouviu falar e quer conhecer; normalmente eu os levo a lugares que eu gosto”. No entanto, Tassy comenta que nem sempre as escolhas são acertadas. “Recebi um visitante italiano que morava muito tempo em Londres; ele queria conhecer o samba, e fui levá-lo num lugar na Vila Madalena. Quando ele ouviu o primeiro batuque, disse: - Ai meu ouvido, pela amor de Deus, está muito alto, é muito barulhento, não consigo ficar aqui. Ele não conseguiu entender muito a nacionalidade do negócio.”

Danielle Cunha, CEO da empresa Rent a local Friend, pioneira em implantar esse tipo de serviço aqui no Brasil, explica por que acreditou que esse segmento pudesse dar certo. “Sou extremamente apaixonada por viagens, e não é só viajar nas férias, eu sempre procuro pesquisar, o que existe por trás de uma viagem, como isso move uma economia, então tudo isso sempre me interessou muito”. A empresa, atualmente, disponi-



Friends são opção para quem viaja sozinho.

biliza friends em todos os estados brasileiros.

A ex-jornalista Alice Kuntz era conhecida por receber e apresentar a cidade de Lisboa onde morava aos amigos, e amigos de amigos. A ideia surgiu quando Alice postou em sua rede social: “Alguém quer me alugar hoje?”

A ideia da empresa é formar profissionais que sejam diferenciados dos guias turísticos. “É um ponto de debate constante, não só entre nós, mas em todo mundo. O primeiro aspecto é justamente que o local friend não é um guia, pois o local friend traz de diferente aquela pitada local, a perspectiva de vida dele”, afirma Alice.

Idosos

Já Cassia Barbosa, 41 anos, trabalha como acompanhante de

idosos. Uma profissão que mostra que não há idade quanto à necessidade de companhia, no quesito social. Cassia é acompanhante de Mafalda, uma senhora de 80 anos, que tem a vida ativa e pratica canto em um coral.

Cássia conta que sua vida mudou ao acompanhar e viver alguns momentos compartilhados com os idosos que a contratam.

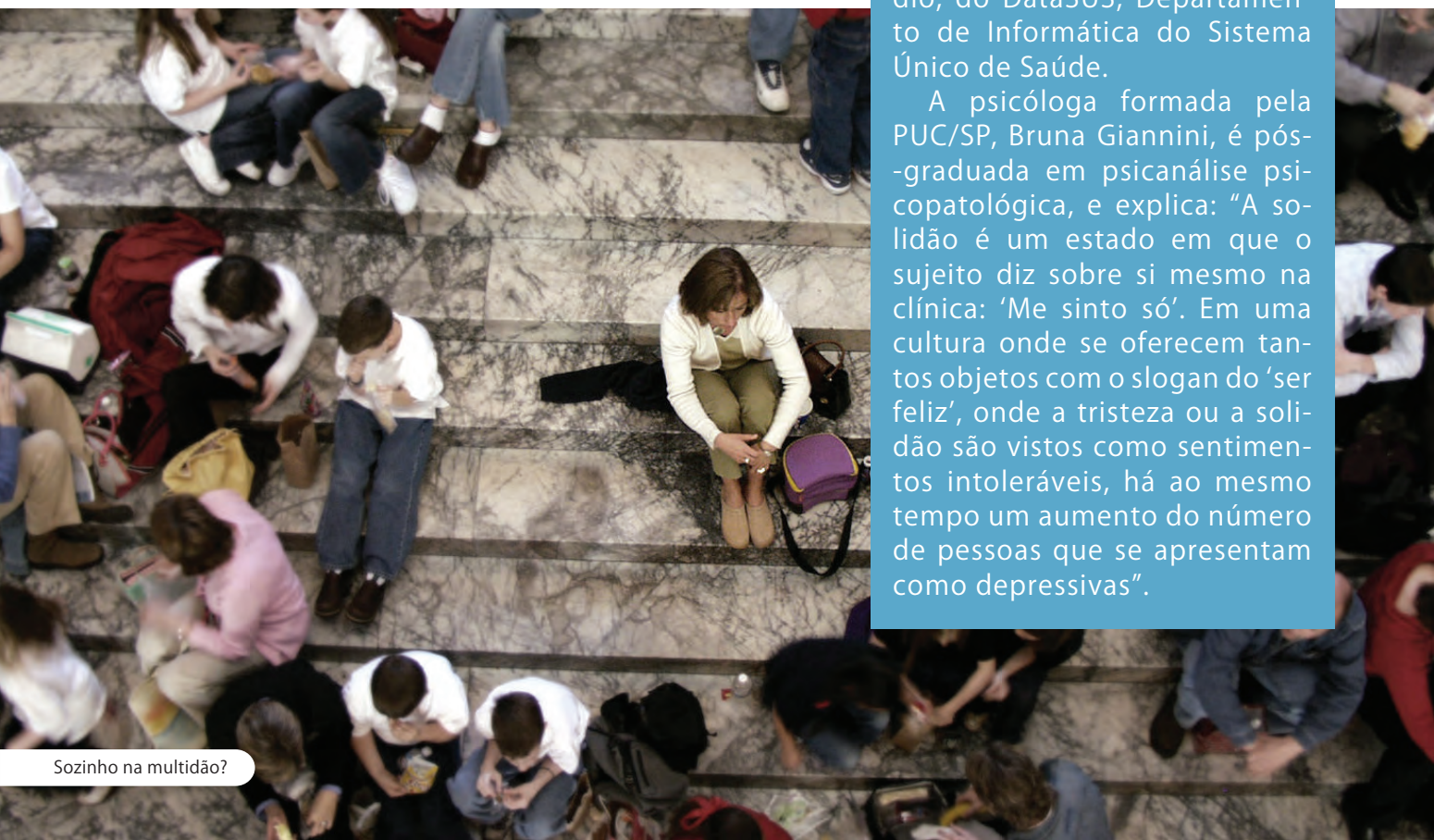
“Mudou completamente a forma de vê-los. Pois com eles enxergamos a vida numa perspectiva diferente e de fato mais concreta. Passamos a olhar com outros olhos todos os idosos à nossa frente, seja os que conhecemos e até aqueles que cruzam nossos caminhos num ônibus, por exemplo. Eles precisam de amizades, conversar, rir e se divertir”.



“SOLIDÃO É LAVA...”

Sentindo-se sozinho no meio da multidão? Esse sentimento de solidão, muitas vezes reprimido, pode levar à depressão, que causa em média 28 mortes por dia no Brasil, com base nos dados de 2011/2012, do Sistema de Mortalidade por Suicídio, do DataSUS, Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde.

A psicóloga formada pela PUC/SP, Bruna Giannini, é pós-graduada em psicanálise psicopatológica, e explica: “A solidão é um estado em que o sujeito diz sobre si mesmo na clínica: ‘Me sinto só’. Em uma cultura onde se oferecem tantos objetos com o slogan do ‘ser feliz’, onde a tristeza ou a solidão são vistos como sentimentos intoleráveis, há ao mesmo tempo um aumento do número de pessoas que se apresentam como depressivas”.



ORIGENS

as histórias por trás da revista

Você já sabe o que vai ser quando crescer? Sem dúvida, quando criança, todos nós já nos deparamos com essa questão e pensamos em inúmeras respostas. E naquela época tudo era plausível: astronauta, malabarista e até sereia, por que não?

Os anos passaram e os alunos do curso de jornalismo das Faculdades Integradas Rio Branco foram desafiados a escrever sobre “profissões excêntricas/alternativas”.

Na primeira reunião de pauta surgiram várias ideias malucas, até que cada grupo conseguiu definir sobre o que iria falar. Após os temas serem definidos para cada grupo, chegou o momento de fazer a pauta e correr atrás dos entrevistados. A pressão tomou conta dos alunos, mas foi diminuindo à medida que as ideias davam certo.

fissionais circenses, na matéria de Ana Beatriz Felício, Lucas Frizzo e Rafaella Bonadio, assim como entrevistas com profissionais que lidam com a morte, como os coveiros, na abordagem das alunas Ester Nunes e Jenniffer Santos, as reportagens foram se construindo. Pedro Santos e Káthia Laurindo visitaram a comunidade de Paraisópolis para conhecer dois artistas do local. Mireia Lima e Suelen Spadadora conversaram com gente que ganha a vida sendo amigo de desconhecidos e Priscila Oliveira e Isabella Liporoni foram à Cracolândia para entrevistar uma missionária que atua na região.

Para a dupla Bianca Bispo e Julia Pinto, a ideia de entrevistar os “cachorros empreendedores” não funcionaria muito bem, porém com a ajuda de seus donos e condutores o resultado logo apareceu, motivando

as alunas cada vez mais. O mesmo aconteceu para as alunas Giovanna Félix e Paloma Sganzerla, que com o tema “profissões partes do corpo” chegaram a ouvir entrevistados pedindo “cachê” em troca de uma singela entrevista.

Mudanças de pauta aconteceram e o trio formado pelos alunos Carolina Cristina, Nathália Garcia e Paulo Henrique teve que substituir a proposta inicial por “profissões invertidas”, assim como o trio formado pelas alunas Amanda Peterson, Marjorie Slivinski e Thaynara Moretti, que também teve que adaptar a matéria por causa de imprevistos, o que gerou certa preocupação. Já o “box” da aluna Mariana Franco sobre os “booktubers”, incluído nesta mesma matéria, seguiu a proposta inicial.

Como resultado, muito conteúdo. A cada reportagem, fomos conhecendo pessoas e histórias que, sem dúvida, nos fizeram aprender mais sobre o exercício de nossa própria profissão. E tem coisa melhor que isso?



As alunas Julia Pinto, Paloma Sganzerla e Bianca Bispo durante entrevista com o apresentador Richard Rasmussen

De profissionais “personagens”, na visão dos alunos Marcelo Surcin, Mariana Penteadó e Maria Fernanda Magri (com as participações de Bianca Bispo e Julia Pinto), passando por trapezistas e outros pro-

Crédito: Patrícia Ceolin

O VALOR QUE SE DÁ

PELO AMOR QUE SE TEM

Foi no relento de uma noite dessas que decidi sair de casa, depois de ter acabado um relacionamento altamente tóxico – nem Chernobyl chegava aos pés. Mas, sempre fui daquele grupo de pessoas que não desiste fácil das coisas, ainda que pareça estupidamente absurdo continuar tentando. Eu sempre usava a mesma desculpa. Ninguém entendia mais do que eu a clausura de ser uma mulher que guardava expectativas em potes de conserva. Coloquei minhas botas e peguei meu casaco. Era enorme a discrepância entre as luzes de neon e as calçadas cinzas de São Paulo. Era estranha a sensação de estar ali sozinha, entre a diversão, que parecia com os corações tão solitários quanto o meu nos bares pelos quais eu passava. Parecia até um clipe de Elliott Smith. Entrei num beco que dava num velho depósito e percebi que havia gente lá. Era uma espécie de bar, mas havia um palco montado estrategica-

mente no centro para que todos pudessem ver aquele grande show lúdico. Era uma artista de circo. Ela rodopiava em seu vestido e o público olhava atento com deslumbro para o que viria: flamas! Seu vestido era um carrossel incendiado. Era incrível como ela girava, sua rotação perfeita e como salientava em sua aparência a liberdade que sentia e a felicidade que tinha de ser o suficiente para si, ainda que não fosse para o resto do mundo. Me deu vontade de fugir com o circo, tirar os pés do chão por um momento e fazer parte de coisas que as pessoas podem não entender. Às vezes a decisão fica entre um diploma pendurado e centenas de fotos na parede do seu quarto. Um não, um término, uma decisão, liberdade ou gaiola. Essas coisas podem ser embaçadas no começo, mas ainda que não se enxergue uma saída acho importante salientar que tudo pode ser um recomeço. Afinal, o que realmente importa é o valor que se dá pelo amor que se tem.



ALUNOS QUE PARTICIPARAM DESTA EDIÇÃO:



Thaynara Moretti

Maluca, pirada e perdeu um parafuso. Mas como disse o Chapeleiro Maluco, as melhores pessoas são assim.



Káthia Laurindo

Sempre quis ser muita coisa. Mas foi no jornalismo que ela encontrou tudo que procurava.



Carolina Cristina

Não tem criatividade pra escrever 'quem sou eu'. Aceita invasão e depoimento. Também troca likes.



Lucas Frizzo

Estudante, leitor, escritor. Sou um dos que falam com o Dono de tudo. Esse sou eu e muito mais.



Jennifer Silva

Apaixonada por Comunicação. Sonha que ela seja polifônica e justa. Por um jornalismo construído e voltado para quem busca ter voz, vez, lugar.



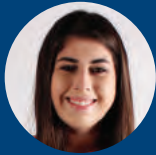
Pedro Paulino dos Santos

Alguém que tenta encontrar uma razão pra tudo e um grande observador do mundo, que percebeu o quanto é difícil falar dele mesmo.



Mireia Lima

ARTEira, Atriz e viajada. Amo a combinação de AZUL com CINZA. Prezo a liberdade e claro, uma boa batata frita!



Bianca Bispo

Ama o que faz, faz o que ama. Tenta achar um lado positivo em tudo. Geek and proud.



Nathália Vieira

Apaixonada pela vida. Segue o lema: escolha um trabalho que você ame e não terá que trabalhar um único dia.



Julia Pinto

Sonhadora, de grandes ideias e de personalidade forte, está sempre pronta para encarar novos desafios.



Paloma Sangzerla

Com apenas um metro e meio de altura, acredita que pode ser do tamanho que desejar dependendo somente das suas escolhas.



Amanda Peterson

Digna de ser amada, como o nome já diz. Contagia com alegria. Adora escrever e ama cor de rosa.



Mariana Penteado

Jornalista em (trans)formação. Ariana e impaciente, 22 anos, apaixonada por música e livros.



Marjorie Slivinski

Parecida com o Peter Pan. Ora mulher corajosa e valente, ora criança apaixonada e inocente.



Marcelo Surcin

Você é o que você pensa: por isso, desejo o melhor, anseio pelo melhor e luto até o fim sem desistir em busca da VITÓRIA. Nasci pra vencer.



Priscila Oliveira

Mesmo com os dois graus e meio de miopia, enxergo de longe possibilidades que a vida pode me trazer. Completamente apaixonada pela escrita.



Giovana Félix

Futura jornalista, moça da cidade grande, complicada, conversadora e muito feliz. Descobri a importância de lutar pelo que eu quero e sonho.



Isabella Liporoni

Disposta a conhecer lugares e pessoas diferentes, descobri que meu lugar é no mundo.



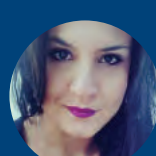
Ana Beatriz Felício

Louca, maluca, doida de pedra. Apaixonada pelo mar e por arte em todas as suas manifestações. Procura até hoje um coelho com relógio pra seguir e poder entrar no País das Maravilhas.



Raffaella Bonadio

Projeto de Carrie Bradshaw e sonhadora. Uma linha tênue entre permanecer e não querer pertencer a lugar algum. O pássaro que almeja a liberdade, e, acima de tudo, ativista do amor.



Suelen Cristina Spadafora

Amante de política, aviação militar, artes e música. Aspirante a jornalista com intuito de trabalhar com a força aérea brasileira. Tem o jornalismo internacional como grande paixão.



Ester Muniz

Sou uma sonhadora com um com um pé fortemente no amor, mas sem esquecer da realidade.



Mariana Franco

Colaboraram também:
Maria Fernanda Magri e Paulo Henrique Oliveira.

RIO BRANCO: SEU FUTURO COMEÇA AQUI



FACULDADES DE COMUNICAÇÃO SOCIAL, DESIGN E AUDIOVISUAL

GRADUAÇÃO

Comunicação Social:
Rádio e TV
Editoração
Jornalismo
Relações Públicas
Publicidade e Propaganda

GRADUAÇÃO

Design

PÓS-GRADUAÇÃO

Jornalismo Esportivo e Negócios do Esporte
MBA em Branding Innovation
MBA em Comunicação Corporativa

TÉCNOLOGO

Produção Audiovisual

EXTENSÃO EAD

Jornalismo Esportivo

UNIDADE LAPA - Av. José Maria de Faria, 111, São Paulo - SP
UNIDADE HIGIENÓPOLIS, Av. Higienópolis, 996, São Paulo - SP
UNIDADE GRANJA VIANNA Rod. Raposo Tavares, 7.200 (km 24) Cotia - SP
RIO DE JANEIRO, Espaço Ideal, Rua Santa Luzia, 760 - Centro, Rio de Janeiro - RJ

 **Faculdades Integradas
Rio Branco**
FUNDAÇÃO DE ROTARIANOS DE SÃO PAULO

www.riobrancofac.edu.br

Veja no site itinerários de ônibus gratuito rio branco

CENTRAL DE ATENDIMENTO **0800165521**

Jornal tem que ser

diário de S. Paulo



REDE BOM DIA

Campinas



Bauru



Jundiaí



Sorocaba



São José do Rio Preto



ABCD



Leitura rápida e descomplicada, formato ideal para portabilidade

Esportes
Cultura
Política
Automóveis

Economia
Turismo
Colunistas
Beleza